

Henry Manizer e a etnografia Kaingang

INTRODUÇÃO

Em 1800 o governo de Lisboa dava ordens ao governador do Pará referindo-se a “*um tal Barão de Humboldt, natural de Berlim*” determinando que se ousasse transpor nossas fronteiras, ele ou qualquer estrangeiro, fosse conduzido preso, tratado com toda decência, mas expulso do país e impedido de fazer quaisquer indagações filosóficas ou políticas, pois que isso seria sumamente prejudicial aos interesses de Portugal.¹

Com a vinda da família real portuguesa para o Brasil, em 1808, abre-se tanto os portos ao comércio internacional, quanto “a era das expedições científicas ao Brasil”. O casamento do príncipe Dom Pedro com a Arquiduquesa austríaca Dona Leopoldina, ela mesma grande conhecedora de História Natural ensejou um importante expedição astro-bávara cujos resultados foram amplamente divulgados. Estamos num período em que às idéias iluministas e racionalistas ganham divulgação. As imposições religiosas são substituídas pelo conhecimento racional da natureza e de suas leis. Há também grande curiosidade nos pensadores a respeito da religião e da cultura de outros povos despertando interesse na comparação com os preceitos religiosos, tradicionais e éticos das culturas européias.

É dentro desse espírito que se pode entender o trabalho de Manizer: “Os Kaingang de São Paulo”.

Manizer veio para o Brasil na segunda expedição Russa a América do Sul. A primeira foi do acadêmico G.I. Langsdorff cujo material foi pesquisado por Manizer e publicado, em português em 1967.

Manizer, nascido em 21 de setembro de 1889, numa família de artistas (pintores, escultores). Era ele mesmo músico e pintor e também etnógrafo; 1912 elaborou o trabalho: “Dados antropológicos sobre os Guiliarks” (povo que habita a parte extremo oriental da Rússia), sob a direção de L.Ia Xternberg. Esteve vinculado à etnografia e em particular ao Museu de Antropologia e Etnografia da Academia de Ciências, cujas coleções foram minuciosamente estudadas por Manizer (cf . Xprintsin, in Peralva 1967:23) e para

¹ Cf. Américo Jacobino Lacombe, in Manizer ,G.G (1967). “ A expedição do Acadêmico G.I. Langsdoff ao Brasil (1821-1828)

onde remeteu grande parte do material coletado no Brasil.

A segunda Expedição Russa à América do Sul.

Em 1914, um grupo do círculo de biologia do Instituto Lesgaft, teve a idéia de realizar uma segunda expedição a América do Sul, esta expedição foi financiada por alguns particulares e por várias instituições científicas, destacando-se:

1. O Museu de Antropologia e etnografia
2. O Museu Zoológico da Academia de Ciências,
3. A sociedade Moscovita dos Amadores das Ciências Naturais, da Antropologia e da Etnografia.

Além de equipamento os pesquisadores contaram com 4 mil rublos, para uma viagem de 7 à 8 meses. A equipe era composta por dois etnógrafos: H.H. Manizer e F.A. Fielstrup, dois zoólogos: I. D.Strelnikov e N.P. Tanassytchuk e o economista S.V.Gueiman.

Em Corumbá os membros da expedição se separaram. Os zoólogos ficaram em Corumbá estendendo suas pesquisas as regiões fronteiriças à Bolívia e ao Paraguai, os etnógrafos estudaram os Kadiwéu e Xavante no MT e o economista S.V. Gueiman foi para o Chile onde estudou os patagônios e os habitantes da Terra do Fogo.

Um dos etnólogos Fielstrup regressou a Rússia por mar e, Manizer permaneceu no Brasil onde realizou estudos detalhados sobre os Botocudos de Minas, mas conhecidos como Krenák ou Borun, os Kaingang os Kadiwéu e os Chanés.

Manizer regressou a Rússia em final de 1915 e em 1916 trabalhou intensamente na preparação do material recolhido na América do Sul para dar publicidade aos resultados. Em fins de 1916 interrompeu seu trabalho científico e ingressou no exército como voluntário, adoeceu na frente meridional de tifo e morreu em 21 de Junho de 1917, com apenas 28 anos.

O material que recolheu durante sua estada no Brasil atestam a vastidão de seu campo de atividades e a profundidade de seus conhecimentos. Além das observações etnográficas, do estudo da língua de alguns povos indígenas do Brasil, recolheu material folclórico, registrou notas musicais dos povos indígenas do Brasil e elaborou minuciosos mapas etnográfico das regiões estudadas.

Os Kaingang de São Paulo

Os Kaingang do oeste paulista foram os últimos grupos desse povo a estabelecer relações pacíficas com a sociedade brasileira, um século depois do primeiro “aldeamento” em Guarapuava (PR). Em março de 1912, depois de anos de perseguição e pressões de todo tipo, os Kaingang aceitaram o contato pacífico, em que se empenhavam os funcionários do SPI.

Foi com esses Kaingang que Henrich Manizer teve contato, cerca de dois anos depois, e sobre os quais escreveu essa preciosa etnografia. Apesar das relações estabelecidas, havia grande temor do SPI por qualquer mal entendido que pusesse a perder os esforços de aproximação. Isso é o que revela o texto de Manizer que é, também, um raro registro do cotidiano de um estabelecimento indigenista oficial nos primeiros anos de “contato” com um grupo indígena.

O texto ganha em clareza com a ajuda de ricas ilustrações, produzidas pelo próprio Manizer. A ele devemos, aliás, o único registro iconográfico detalhado de um sepultamento tradicional Kaingang.

Apresentado por I. D. Strelnikov no 23^o. Congresso Internacional de Americanistas em 1928 cujos Anais foram publicados em (1930) o trabalho de Manizer serviu de apoio aos antropólogos que trabalharam com esse povo nas décadas seguintes, mas poucos reconhecem sua dívida para com ele. Manizer reconhece que os Xokleng ou Laklãnõ (que foram também chamados *Botocudos* ou *Botocudos do Sul*) são uma parcialidade do povo Kaingang:

“Os Kaingang possuem uma linguagem uniforme, mas alguns grupos se distinguem dos outros pelo costume de furar o lábio inferior e de introduzir nele, à guisa de ornamento, uma espécie de prego cujo nome é tembetá.” Afirma também que os Kaingang de São Paulo consideravam os Xokleng *“inimigos particularmente terríveis”* e que um dos Chefes Wauwĩ *“descendia de um índio com o lábio inferior traspassado”*. Com certeza Jules Henry e Baldus tiveram acesso a esse trabalho antes de suas respectivas idas a campo.

Jules Henry nomina como Kaingang, os Xokleng ou Laklãnõ, com quem trabalha no ano de 1933 e Baldus que realiza seu trabalho de campo no mesmo ano, escreve o trabalho : *O culto aos mortos entre os Kaingang de Palmas* , publicado em 1937.

Manizer primou pela consulta e até mesmo crítica de grande parte da bibliografia

disponível:

Horta Barbosa, Santin da Prade (1906), Ambrosetti (1894), Hensel (1869) e Teschauer (1914), Von Martius e Lucien Adam (1900).

A Von Martius, que escreve que a língua dos Kaingang *nada mais é que uma mistura recente de muitos idiomas indígenas*, Manizer recrimina: *Teria sido mais simples reconhecer que ele nada sabia sobre eles, do que criar semelhante teoria sobre materiais insuficientes (...) por mais superficial que seja nosso conhecimento sobre eles, esse conhecimento nos mostra que eles representam uma tribo original, independente e muito interessante.*

Além do seu interesse pelo povo Kaingang descreve sucinta e profundamente o habitat dos Kaingang: terra roxa, mel variado em gosto e aroma. Grandes símios barbados e pequenos macacos, quatis, tatus, tamanduás e porcos selvagens, jacus e toda variedade possível de papagaios. *“Os Kaingang permanecem exclusivamente nas densas florestas. Eles evitam cuidadosamente os lugares descobertos (campos) e a proximidade dos grandes rios.”*

Os Kaingang dividiam seu habitat com outros povos e buscavam sempre as cabeceiras ou nascentes dos rios. Os campos, preferidos pelos Xokleng, e os grande rios que serviam de vias de navegação aos conquistadores eram lugares vulneráveis para os Kaingang.

Manizer atesta que: *os índios não têm aprendido quase nada e não abandonaram de forma alguma seus costumes no espaço de 2 anos e meio*, depois da pacificação. Perto da Estação Lengru, moram o diretor sua família e alguns índios [possivelmente os que servem de intérpretes] e na Villa Sofia moram a maioria dos Kaingang num acampamento à sua maneira.

Os Kaingang que em 1913, mataram os trabalhadores da estrada de ferro, ainda sem saber português, foram enviados por trem a São Paulo, outros até o Rio de Janeiro. O SPI fez com que visitassem museus prisões e hospitais, além do teatro e do cinema. Os Kaingang não cansavam de dizer “os branco sabem muito”. Até conhecerem as cidades imaginavam que os brancos eram apenas um pequeno grupo. Essa viagem os fez reconhecer que perderam a guerra.

Modo de vida

Manizer descreve que a aldeia era agitada constantemente por acontecimentos tragicômicos (romances e brigas por mulheres) e pelas cerimônias de Culto aos Mortos.

Menciona o choro ritual que começa ao amanhecer onde evocam a lembrança do morto já tendo ocorrido um ano ou dois da sua morte, e o destino dos mortos o que faz com que o choro venha simultaneamente de diversas partes. Todos os momentos que não estão ocupados com as tarefas cotidianos, ou seja ao meio dia e a tardinha voltam a chorar pelos seus mortos, cobrem a cabeça com a coberta principalmente as mulheres para emitir seu choro ritual. Há que lembrar a grande depopulação logo após a pacificação, o costume de cobrir a cabeça está relacionado também ao luto. Atualmente os enlutados e principalmente os viúvos não podem olhar os vivos, por isso permanecem com a cabeça coberta.

Registra que para se divertir os rapazes agarram uma menina e pintam o rosto dela com carvão e cera, ela passeia assim por algum tempo. É possível que essa brincadeira tenha algum sentido ritual que não foi revelado a Manizer, e cuja reminiscência possamos ainda descobrir entre os Kaingang, outros povos jê mencionam meninas escolhidas para funções cerimoniais.

Características físicas

Destaca que os Kaingang são de porte médio, mas seu corpo é bem proporcional e a musculatura é bastante desenvolvida. Admira-se que os recém-nascidos têm a cabeça alongada e achatada e que as mulheres comprimem com as mãos a cabeça do recém-nascido nos lados e da frente para trás “*com a finalidade de arredondar*”. Ele afirma não saber dizer em que medida essa prática pode influenciar na forma do crânio, mas podemos deduzir que os Kaingang pretendiam modelar a seu gosto estético a forma de seus filhos, sendo portanto, o corpo Kaingang socialmente construído. Nesse sentido observa Manizer também o desgaste dos dentes incisivos, prática conservada até o presente, cuja natureza mística ainda não foi desvendada.

Habitação

Descreve e desenha as habitações Kaingang [as que viu parecem ser típicas de

acampamentos Kaingang] e registra a presença, nessas habitações de guirlandas de cabeças de macaco, ostentadas como troféus de caça. As crianças kaingang contam que as fazem também com crânios humanos, no entanto afirma que não pode obter confirmação sobre isso. Segundo Horta Barbosa, os Kaingang costumavam levar com eles os crânios dos seus mortos quando não podiam levar o corpo, para o cemitério da aldeia. Os Kaingang entendem ser a cabeça o lócus do indivíduo. Um velho centenário do Xapecó dizia, apressem para recuperar minha terra perdida, *eu quero deixar lá a minha cabeça*.

Vestimentos e ornamentos

Manizer chama atenção para o fato dos homens Kaingang usarem um cinturão de fibras de cipó imbé e das mulheres usarem uma saia também presa por um cinto. E no Kiki os homens trazerem mantos tecidos pelas mulheres com fibras de *aguatá*. Por possuírem roupa *Kuru ou Kur* os kaingang se consideravam mais civilizados do que alguns dos seus vizinhos a quem depreciavam chamando-os de *kurutū* (*kuru* – roupa *tū* partícula de negação, portanto *sem roupa*). Faz questão de esclarecer que apenas viu as mulheres confeccionar os fios, mas não a roupa. O procedimento foi explicado a ele pelos funcionários do posto de atração.

Registra ainda que as mulheres teciam as alças para carregar crianças com o mesmo material dos cinturões. Esse hábito de alcear as crianças à testa para carregá-las permanece em muitas aldeias, ainda hoje.

Quanto aos ornamentos, hoje praticamente desaparecidos, registra os colares de dentes de macacos e diademas de pena, espécie de viseira que os homens usavam nas festas e somente pelos homens. Que das miçangas trazidas pelo SPI gostavam apenas das brancas sendo indiferentes as outras cores. Os Kaingang penteavam seus cabelos com pentes feitos por eles mesmos. Raspam-se o topo da cabeça das crianças deixando crescer o cabelo nas têmporas, por essa prática os Kaingang foram chamados no sul do Brasil de Coroados. Antes das festas *kiki*, os adultos raspam todos os pelos do rosto com pedaços de vidro, deixando só crescer os cílios, talvez por isso o uso de viseiras.

Alimentação e provisão

A divisão de tarefas entre os sexos: os homens caçam com arcos de cerca 3 metros de altura, e flechas e as mulheres recolhem frutos e raízes, provavelmente frutos da roça. O milho é semeado e colhido pelas mulheres, *os homens roubam de bom grado o milho dos cestos das mulheres.*

Destaca a confecção de cestos de taquara, hoje vendidos como artesanato, como tarefa dos homens.

O fogo é mantido pelas mulheres que utilizam um instrumento simples, pequenas pinças de madeira recurvada a *kapena* (pernas de pau) que usam para mexer o fogo e retirar deles as tortilhas, ou seja, os pães de milho assados diretamente no borralho. Descreve a utilização dos fornos de terra para assar grandes animais como a anta.

Assiste a confecção da cerâmica pessoalmente e por isso registra o processo em detalhes..

Refere também a fabricação dos pilões com o uso do fogo, de diversos tamanhos, enormes para socar milho e pequenos para socar carvão que entra na composição das pinturas.

Casamento

O casamento era precoce para as mulheres e tardio para os homens e acontecia sempre por iniciativa alheia, portanto o casamento é de interesse social, mas do que individual, o que configura seu caráter de aliança entre as metades exogâmicas. As traições de esposas e maridos ocasionam querelas, disputas e mesmo batalhas. As mulheres se zangam com seus maridos por enganá-las com a sua prima [pessoa da mesma metade que entre os Kaingang são chamadas de irmãs]. O casamento com essas mulheres é interditado, mas as relações sexuais acontecem em segredo. Narra os casos que presenciou e que ilustra muito bem a diferença entre as estratégias dos indivíduos divididos entre os interesses pessoais e as obrigações sociais.

Delvair Melatti (1978) registra a memória das mulheres kaingang de São Paulo que se recusando a casar com os pretendentes escolhidos pela comunidade eram amarradas na casa do marido até aceitar o que a comunidade havia decidido. Logicamente com a irrupção

da idéia dos direitos individuais trazidas pelo contato, muitos indivíduos em diversas comunidades romperam com a lealdade das alianças tradicionais que preconiza o casamento exogâmico.

Outro aspecto importante registrado por Manizer é a interdição de que o recém nascido seja visto pelos estrangeiros, no caso de uma criança que ele viu, retiraram o nome dela e substituíram por outro nome. Esse procedimento como registrei no Xapecó tem a finalidade de esconder o espírito da criança impedindo seu rapto pelos espíritos dos mortos.

Manizer assiste a morte do índio Dovari, em conseqüência de uma congestão relacionada a ingestão de Kiki. Sua mulher e os demais cuidam dele mas recusam-se a dar os medicamentos propostos afirmando que “*ele morreu*”. Isso quer dizer que seu espírito já não estava nesse mundo, provavelmente tinha sido levado pelos espíritos dos parentes mortos que vieram para a festa do Kiki.

Registra os procedimentos pós morte como a destruição dos bens do defunto inclusive de seu cachorro. E a presença de dois indivíduos que se mantém acorado junto ao cadáver [devem ser os pëin, únicos que podem mexer com os defuntos] dois outros portando matracas [os rezadores encarregados de conduzir a alma ao seu bom destino, a aldeia dos mortos], eles cantam e dançam ao redor do defunto em sentido horário. Quando os cantos cessam começam os procedimentos para o enterro. Colocam o colar do morto no seu pescoço, suas flechas e outros pequenos objetos numa cesta que é colocada na sepultura. O cadáver é amarrado na posição fetal e carregado nas costas por um pëin, costa a costa.

Descreve que o cemitério foi feito numa região de palmeiras cujos troncos foram arrastado para a beira da mesma. No centro elevam-se dois montículos (túmulos) aterrados com terra vermelha e rodeados de fossos de paredes verticais.

Os assistentes (pëin) constroem duas casas uma para eles e outra para o defunto, as mulheres acendem fogo e começam a cozinhar milho e abóboras trazidas com elas. Dois homens [pëin, normalmente deve ser um de cada uma das metades exogâmicas] começam a cavar um fosso, os outros somem na mata e derrubam palmeiras com as quais serão forradas e coberta a cova “*procede-se, então à construção da morada destinada ao defunto*”. Isso significa que ele apreendeu perfeitamente a compreensão que os Kaingang têm do cemitério como morada do defunto, e porta de entrada para a aldeia dos mortos.

Compreende-se a partir dos relatos dos Kaingang atuais, que o velório era o tempo que se esperava para a construção da sepultura e estava restrito aos pëin ou pessoas que possuem jiji korég [nomes feios e são invulneráveis aos espíritos dos mortos], dentre esses havia uma Kaiké prima com seu primo ou protetor; donde Manizer deduz que “*aquilo se parecia muito a um divertimento*”. Atualmente alguns maridos sentem ciúmes de suas esposas pëin pela possibilidade dessas terem relações sexuais extraconjugais durante os rituais motivo que suspeito tenha sido a principal razão da oposição dos padres ao ritual do Kiki.

A irreverência dos pëin com os mortos advêm do sua caráter invulnerável aos espíritos dos mortos e também do caráter jocoso das relações dos que se tratam por cunhados ou *iambré*. Os índios (pëin) passam a noite no cemitério para no dia seguinte recobrir novamente a sepultura que alcançam 5 metros de diâmetro e 3 metros de altura.

Depois de voltarem de um enterro os índios [pëin] acenderam uma fogueira sobre o lugar onde aconteceu a morte. As mulheres traziam milho e, cozinhavam em vasilhas, colocando cacos de argila aquecidas ao fogo. Eles acampam nesse lugar durante três dias inteiros. Os homens pintam-se com listas negras no peito: segundo eles isso os preserva da morte. Durante três dias se come somente milho e palmito, a carne é proibida. Parece tratar-se de um tempo de purificação dos que lidaram com o morto.

No lugar do óbito havia um monumento funerário original, uma estaca quadrangular ornada com vírgulas semelhantes àquelas que se pinta sobre os corpos, durante o ofício dos mortos. Manizer é o primeiro a registrar e prestar atenção a esse *monumento funerário original* que foi substituído pela cruz pintada colocadas atualmente nas sepulturas Kaingang.

Esse registro permite associar esse monumento à festa do mastro que vi em 1998 no Inhacorá (RS). Um Kaingang de S. Paulo referiu uma festa feita no mato ao redor de um desses monumentos, que provavelmente deve se referir a um lugar onde morreu um dos Kuiâ (xamã Kaingang), figura muito poderosa. O Kuiâ do Inhacorá, afirmava: *eu sou o mastro, eu sou o Topẽ (Deus) aqui na terra*. A festa do Mastro que é também a festa do Kuiâ, remete ao ato inaugural de Topẽ sobre a terra: a colocação do mastro. O mastro Kaingang é tanto a um monumento funerário Kaingang, como a estaca que separou o céu da terra, presente em outros povos Jê, como os Xikrin, por exemplo.

Comemoração dos mortos - festa do Kiki

A tumba não é esquecida de tempos em tempos retorna-se para recobrir de novo de terra as tumbas abaixadas pela chuva. Nesses retornos celebra-se ritos complicados: a festa do Kiki. Organizada por um dos parentes distantes do defunto [talvez cunhados]. Há aqui, além da exogamia, trocas de ritos funerários, uma vez que consangüíneos não podem tomar parte ativa na comemoração dos seus mortos .

A bebida Kiki é preparada com *muito mel, conservado em potes de cerâmica ou em tronco de árvores ocos (...) milho fermentado e flores de palmeira bocaiúva.*

Transcorridos os três dias dos preparativos da festa o organizador e seu ajudante vão ao cemitério para recobrir o túmulo de terra. A preparação da bebida é concluída e realiza-se então a parte mais importante: o momento de ir ao cemitério [dançar sobre a sepultura dos mortos] e depois tomar a bebida. As enlutados com as cabeças cobertas são levados em direção às fogueiras no centro da praça onde se realiza a cerimônia para os mortos e, são sentados no chão. A eles de dá a bebida que ainda não foi tocada por ninguém, eles devem beber até ficarem desacordados, são retirados então e colocados para descansar numa sobra de costas para o local do evento.

As crianças preparam a tinta à base de carvão e vão de encontro aos convidados que estão na floresta. Esses são pintados antes de chegarem junto ao fogo. Começam então a dança final em sentido anti-horário, batendo no chão seus bambus, e tomando a bebida que é apanhada no tronco para ser ofertada ao outro, nunca para si mesmo.

Registra Manizer que eles dançaram diante dele a noite toda mesmo sob a chuva violenta. Isso está de acordo com o que dizem os Kaingang do Xapecó (Veiga 2006) que uma vez iniciado a festa do Kiki, esta não pode ser interrompida sob nenhum pretexto para que não venha a morrer muitas pessoas. A festa às vezes desanda em pancadaria mas pode ser também o momento para se celebrar a paz. Explica Manizer que os ataques Kaingang são também acompanhados de cantos que tem seus motivos especiais.

Refere a outra festa que presenciou onde foram convidados os Kaingang que ainda permaneciam no mato, onde também se serviu o Kiki e que as pessoas vieram cobertas com folhas de palmeiras e se sentaram em folhas colocadas ao redor das fogueiras, cantaram e beberam durante 15 horas e depois foram embora, a impressão é que ele não obteve

informações suficientes sobre essa festa {é possível que fosse uma das etapas preliminares do Kikikoi}. Os Kaingang do RS falam de festas para celebrar as vitórias de guerra.

Cosmologia Kaingang

Afirma Manizer que uma explicação completa de tudo o que se relaciona ao funeral só poderia ser dada “*baseando-se em um conhecimento detalhado da sua própria interpretação do sentido dos seus atos. Ora, as informações que disponho a respeito das idéias sobre o destino da alma e sobre a própria essência da morte são ainda parciais, malgrado a atenção que dei a esse assunto durante meu contato com os índios*”. (Manizer 2006:55)

Manizer remete a inversão que ocorre no mundo subterrâneo para onde vão as almas dos mortos.

Muitos outros aspectos foram levantados sobre o cotidiano dos Kaingang que embora não tenham sido conclusivos podem indicar muitas pistas importantes para a pesquisa entre os Kaingang atuais.

A leitura de Manizer é obra fundamental por representar um registro de primeira hora categorizado e minucioso de tudo que ouviu e observou e nos permite fazer uma ponte entre os kaingang atuais e aqueles que ele conheceu. É uma etnografia que pode servir de modelo aos nossos trabalhos de campo onde ele registra não só o que os índios dizem, mas o que fazem.

Bibliografia

Manizer, Henry

2006 – *Os Kaingang de São Paulo*. Campinas, Editora Curt Nimuendaju, 66 pp.

Veiga, Juracilda

2006 – *Aspectos fundamentais da cultura Kaingang*. Campinas, Editora Curt Nimuendaju